

Introdução

Assumindo-se como contador de uma história real, cuja veracidade é atestada em fontes («livros de antigos assentamentos»), o narrador aproxima-se do historiador.

Encontramos uma referência explícita ao destinatário — o leitor e a leitora, «amiga de todos os infelizes —, ficando este preparado para todas as emoções que a história nele provocará.



Capítulo 1

Em 1779, Domingos Botelho, fidalgo de Vila Real de Trás-os-Montes que exercia a função de juiz de fora em Cascais, casa com D. Rita Preciosa, uma dama do paço que era «uma formosura». Em 1784, quando nasce Simão, o penúltimo dos filhos (o casal teve dois filhos e três meninas: Manuel, Simão, Maria, Ana e Rita), Domingos Botelho consegue transferência para Vila Real, sua «ambição suprema». Aí, são recebidos pela nobreza da vila. D. Rita estranha o atraso das gentes, respondendo com altivez à cordialidade; também desdenha das comodidades. É construída uma nova casa. Apesar de não ter razão, Domingos Botelho sofre com os ciúmes, temendo não conseguir preencher o coração de sua mulher e porque se considera muito feio (comparando-se, mitologicamente, a Vulcano casado com Vénus). Em 1790, consegue transferência para Lamego, o que muito desagrada a D. Rita.

Em 1801, Domingos Botelho exerce funções de corregedor em Viseu. Manuel, o filho mais velho, e Simão estudam em Coimbra (o «segundo ano jurídico» e Humanidades, respetivamente), enquanto as meninas preenchem a vida de D. Rita. Manuel escreve ao pai queixando-se do «génio sanguinário» do irmão (este comprava pistolas, convivia com perturbadores, insultava os habitantes e incitava-os a lutarem com ele). Domingos Botelho admira a bravura do filho, mas Manuel insiste nas suas

queixas e pede mesmo para seguir outro rumo. Com esse objetivo, vai para Bragança para se tornar cadete. Simão, por sua vez, passa nos exames, sendo perdoado pelo seu comportamento.

Aos poucos, D. Rita passa a ter desgosto por ter um filho como Simão. Este tem amigos e companheiros que a família não aprova (escolhendo-os na plebe de Viseu), escarnece das genealogias e faz com que as irmãs mais velhas o temam. Também Domingos sente aversão por Simão.

Quando estão a terminar as férias, um dos criados de Domingos Botelho quebra, por acidente, umas vasilhas, enquanto dá de beber a um macho, sendo espancado pelos aguadeiros. Simão, que por ali passa, toma o partido do criado e acaba por partir «muitas cabeças». Após a queixa dos feridos, Simão foge para Coimbra, com o dinheiro da mãe, ficando a aguardar o perdão do pai. O corregedor desiste de deter o filho.

Capítulo 2

Em Coimbra, Simão permanece convencido da sua valentia, deliciando-se com as memórias do espancamento, que o incitam a novos atos. O ambiente que encontra na Universidade é propício à exaltação. Contaminado pelo espírito revolucionário, defende um «batismo de sangue». Torna-se jacobino e um apologista da ideia regicida.

Devido às suas ideias, é preso, mas consegue sair do cárcere académico por ingerência da família. Perde o ano letivo e vai para Viseu. Aí, a sua personalidade sofre uma mudança considerável, tendo na sua origem o facto de Simão estar apaixonado pela sua vizinha («Simão Botelho amava»). Ele tem 17 anos; ela, 15. A separar as duas famílias existe um ódio antigo, o qual teve na sua origem questões de justiça (o facto de Domingos Botelho ter decidido contra os Albuquerque). Os dois apaixonados fazem planos.

Na véspera de Simão partir para Coimbra, Teresa é arrancada da janela. Simão ouve os gemidos da amada e sofre devido à sua impotência. Antes de partir, opção que considera melhor para si e para Teresa, recebe dela um bilhete. Diz-lhe que o pai ameaçara encerrá-la num convento, por causa dele, e pede-lhe que vá para Coimbra.

Simão torna-se estudante exemplar e vai escrevendo a Teresa, que, entretanto, deixa de temer o convento. Manuel Botelho regressa à universidade e estranha o irmão, quieto e «alheado».

Em fevereiro de 1803, Simão recebe uma carta surpreendente de Teresa.

Capítulo 3

Teresa e Rita, a irmã predileta de Simão, trocam olhares à janela. Vão falando, e Teresa chega a revelar o seu amor por Simão, pedindo-lhe que guarde segredo. A cumplicidade é descoberta, causando a ira de Domingos Botelho.

Tadeu de Albuquerque planeia casar Teresa com o primo, Baltasar Coutinho, crendo que, com a sua brandura, a filha esquecerá Simão. Mas, no diálogo com Baltasar, Teresa recusa a união. Dada a assertividade de Teresa, o primo diz-lhe que fará tudo para a salvar das «garras» de Simão.

Tadeu de Albuquerque decide fazer entrar Teresa num convento, dizendo-lhe que a considera morta. Teresa promete julgar-se «morta para todos os homens, menos para seu pai».

Capítulo 4

O capítulo abre com uma caracterização de Teresa, a partir do diálogo com Baltasar Coutinho, destacando o narrador que ela é uma mulher de «orgulho fortalecido pelo amor». Por carta, Teresa relata o sucedido a Simão, omitindo apenas as ameaças do primo.

A vida de Teresa parece regressar à normalidade (não entrara no convento, não se falava em casamento e Baltasar Coutinho estava ausente), até ao momento em que o pai lhe diz que, nesse dia, ela deve casar com Baltasar. Teresa responde descrevendo aquilo que lhe é pedido como um sacrifício e afirmando que odeia o primo. Tadeu amaldiçoa a filha e diz-lhe que ela morrerá num convento. Ao sobrinho Baltasar, diz que não lhe pode dar a mão de Teresa porque já não tem filha. Teresa acaba por não ser enviada para um convento, segundo o conselho do primo, e escreve uma carta a Simão

contando-lhe o sucedido. Simão fica fora de si e planeia matar Baltasar, mas abandona esta ideia ao perceber que essa ação o afastaria de Teresa para Sempre.

O estudante resolve ir a Viseu para ver a filha de Tadeu. Como precisa de um sítio seguro onde ficar, o arrieiro recomenda-lhe a casa de um primo seu, que fica perto de Viseu. Simão envia uma carta a Teresa e combinam um encontro às onze horas, no dia do aniversário desta. À hora combinada, Simão fica surpreendido por ouvir música vinda de uma casa que ele sempre considerara triste e sem vida.

Capítulo 5

Teresa sai da sala onde se festeja «com estrondo» o seu aniversário. O primo percebe a sua agitação. Levando uma capa para não ser reconhecida, Teresa é perseguida pelo primo, mas, assustada, regressa ao baile. Baltasar acaba por ser cruzado com Simão, que o interroga em tom ameaçador. Percebendo que Simão está armado com duas pistolas, Baltasar acaba por recuar. Simão só consegue distinguir um vulto.

Teresa escreve novamente a Simão e combinam novo encontro para a noite seguinte. Na casa onde o estudante estava alojado vive Mariana, filha do ferrador. Esta contempla demoradamente Simão e diz-lhe que adivinha para ele alguma desgraça «por amor duma fidalga de Viseu». O ferreiro João da Cruz conta a Simão a história que o fazia «dever um favor» ao corregedor Domingos Botelho (por causa deste, o ferreiro escapara à forca). O pai de Mariana também conhece Baltasar Coutinho e conta a Simão que o morgado de Castro Daire lhe pedira que matasse um homem a troco de dinheiro: esse homem era Simão Botelho. João da Cruz ainda o aconselha a não ir ver Teresa, mas Simão mantém a sua ideia.

Capítulo 6

Três vultos estão reunidos, à noite, perto da porta do quintal de Tadeu de Albuquerque. Um deles é Baltasar Coutinho e prepara, com os seus criados, uma cilada para Simão. João da Cruz e o cunhado, o arrieiro, executam um plano para ajudar Simão, conseguindo este estar com Teresa e sair sem ser visto. Depois disto, João da Cruz diz-lhe para seguir rapidamente para casa, temendo o ataque dos homens de Baltasar, que

estariam escondidos. O ferreiro fica aflito ao perceber que não chegarão ao local a tempo de proteger Simão de uma emboscada. Este acaba por ser ferido com um tiro, e os criados de Baltasar Coutinho morrem às mãos de João da Cruz, que receia deixar testemunhas do sucedido e quer acabar as «obras» que começara. No fim, perante aquilo que considera crueldade (o facto de o ferreiro ter matado um homem que estava ferido e tinha implorado pela sua vida), Simão «teve um instante de horror do homicida».

Capítulo 7

Simão recebe os curativos do ferrador mas piora dos seus ferimentos. Preocupa-o mais, no entanto, o facto de não ter novidades de Teresa. Esta envia-lhe uma carta em que conta o comportamento estranho do pai e do primo e se mostra muito preocupada por ter ouvido falar na morte dos criados de Baltasar. Simão responde-lhe de modo a tranquilizá-la. Baltasar e Tadeu de Albuquerque (que fora conivente no atentado contra a vida de Simão) acabam por não se envolver no assassinato dos criados, uma vez que não havia provas contra o filho do corregedor.

Tadeu de Albuquerque toma a decisão de encerrar Teresa num convento do Porto. Assim, até que toda a documentação esteja tratada, Teresa fica num convento de Viseu. Leva consigo tinteiro, papel e o maço das cartas de Simão. As suas últimas palavras, dirigidas às irmãs de Baltasar, revelam orgulho e firmeza. Ao entrar no mosteiro, sente-se livre, porque o seu coração está livre, mas em breve percebe que está errada a respeito da vida monacal e que também ali reina a mentira e a falsidade. No diálogo com as freiras, Teresa é confrontada com muitas intrigas, percebendo que aquele não é um «exemplar viver» e que é tudo menos um «refúgio da virtude». Antes de adormecer, Teresa escreve novamente a Simão.

Capítulo 8

Mariana desmaia ao ver a ferida de Simão, deixando o pai surpreendido, uma vez que a rapariga estava habituada a curativos. Torna-se a enfermeira de Simão. João da Cruz conta ao filho do corregedor que Mariana não tem querido casar, apesar dos

vários pretendentes. Naquela casa, enquanto o ferreiro fala e a filha costura, com o seu avental de linho, vê Simão «um quadro rústico», «sublime de naturalidade».

Mariana continua a pressentir para Simão uma desgraça e conta-lhe que teve um sonho em que viu muito sangue e uma pessoa caída numa cova funda. Respondendo ao ceticismo de Simão, diz-lhe que tudo o que sonha acontece. Quando sabe que Teresa foi encerrada num convento, Mariana tem um assomo de alegria, que só um «observador perspicaz veria». Na resposta, Simão revolta-se, condena a submissão e promete tirar Teresa do convento.

João da Cruz percebe que Simão está sem dinheiro. Mariana pensa numa forma de lho entregar sem que Simão pudesse recusar. Este acaba por perceber que é amado pela filha do ferreiro e sente-se bem com esse facto («no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos na nossa consciência»), apesar de saber que não poderia retribuir.

Capítulo 9

Simão suspeita que Mariana o quer afastar de Teresa. Dando continuação ao que havia combinado com a sua filha, João da Cruz, que tinha saído de casa, entrega dinheiro a Simão, dizendo-lhe que tinha sido enviado por D. Rita. Mariana age sem qualquer interesse, sabendo que Simão não lhe pertence. Teresa continua a enviar cartas a Simão e fala-lhe da vida pouco virtuosa do convento.

As diligências de Tadeu de Albuquerque chegam ao fim, e Teresa é enviada para o convento de Monchique. Procura avisar Simão, mas a mendiga que lhe levava as cartas é surpreendida. A informação chega a Simão porque a mendiga vai a casa do ferrador e conta o sucedido. Dominado pela raiva, Simão quer dirigir-se ao convento e libertar imediatamente Teresa. Mariana oferece-se para fazer chegar uma carta de Simão a Teresa e sofre em silêncio a sua dor, vivendo «um obscuro martírio».

Capítulo 10

Mariana leva a carta ao convento onde se encontra Teresa. Nos seus pensamentos, sonha ser amada como ela. Acabam por conversar as duas. Teresa deseja

que Simão não faça nada no momento da sua partida para o convento de Monchique, no Porto, porque isso seria muito perigoso. Enquanto regressa a casa, Mariana pensa na beleza de Teresa («linda como nunca vi outra!»). Simão ouve de Mariana o recado, mas mantém a ideia de ver Teresa antes de esta partir para o Porto.

Na carta que escreve, Simão considera Teresa perdida e dá a entender os seus intuitos quando afirma que «o rancor sem vingança é um inferno». Quando Simão sai, de noite, escuta as palavras de Mariana e sente que ela é o seu «anjo da guarda». Os dois despedem-se como se fosse para sempre.

Simão chega ao convento e aguarda pela madrugada, quando chega a comitiva que levaria Teresa. Nessa comitiva está Baltasar. Teresa reafirma, perante o pai, a intenção de entrar num convento. Troca algumas palavras com Baltasar, evidenciando sentir por ele repugnância. Simão aparece e, depois de ofensas trocadas com Baltasar, este aperta-lhe a garganta, morrendo em seguida com um tiro dado pelo filho de Domingos Botelho. Depois do sucedido, surge João da Cruz, que pede a Simão que fuja. Este recusa e, quando o meirinho-geral lhe quer proporcionar a fuga, insiste em assumir as responsabilidades: «Fui eu.»

Capítulo 11

Os Botelhos recebem a notícia da morte de um homem às mãos de Simão. Domingos Botelho toma conhecimento da prisão do filho e pede ao juiz de fora que trate Simão como qualquer outro criminoso, afirmando que não protege «assassinos por ciúmes» e que desconhece aquele homem. A partir das palavras do juiz, fica a saber-se que Simão afirmara ter matado o «algoz da mulher que amava» e negara tê-lo feito em legítima defesa.

Simão é alojado num dos melhores quartos do cárcere, mas «nu e desprovido do mínimo conforto». Recebe o almoço que sua mãe enviou e uma carta desta, pela qual fica a saber que o dinheiro que lhe fora dado era, afinal, do ferrador João da Cruz. Simão recusa o almoço, e o criado que lho levara acredita na sua demência.

Mariana, em lágrimas, visita Simão na cadeia. Este diz-lhe que não tem família e pede-lhe que lhe compre uma banca, uma cadeira, tinteiro e papel. Simão fica a saber

que Teresa fora levada para o Porto depois de ter perdido os sentidos. Mariana diz a Simão que será uma irmã para ele.

Capítulo 12

O corregedor e a família partem de Viseu para Vila Real. Através da carta de uma das irmãs de Simão (a que o narrador teve acesso e que fora escrita cinquenta e sete anos depois do sucedido), sabe-se que Simão fora condenado a morrer na forca e que, enquanto estava preso, teve a companhia da filha de um ferrador, que cuidava dele «com abundância e limpeza». Sabe-se também que o pai de Simão se manteve severamente inflexível e impediu que as cartas de D. Rita chegassem ao filho. Aos que lhe pediam que intercedesse a favor de Simão, respondia que a forca era para todos. Só decidira agir devido ao pedido desesperado de um membro da família, António da Veiga («tio-avô muito velho e venerando», segundo dizia a carta da irmã de Simão). No início de março de 1805, Simão é transferido para as cadeias da Relação do Porto.

No dia do julgamento, Simão assume o crime e reage com violência quando é pronunciado o nome de Teresa Clementina de Albuquerque. Depois da sua condenação à forca, Mariana, profundamente transtornada, é levada nos braços do seu pai. Entra depois num delírio, pedindo que a matem. Simão chora depois de perceber o quanto Mariana o ama («até ao extremo de morrer»). Devido à demência, Mariana deixa de visitar Simão. Este, consciente de todo o sofrimento que causara, não opta pelo suicídio por considerar a forca (a morte) um triunfo quando se age por honra e por considerar cobardia escolher a morte quando não há esperança.

Capítulo XIII

Teresa parte para o Porto com uma criada, Constança, que tivera por ela um «raio de piedade» e que a informara sobre a prisão de Simão. Pede que a deixem fugir para se despedir de Simão, mas a criada fá-la mudar de ideias. Chega ao convento de Monchique, no Porto, sendo recebida pela sua tia, a abadessa. A esta conta Teresa todos os acontecimentos e, juntas, leem as cartas de Simão. Sem forças para a rebelião, começa a aceitar a morte. Por conselho da tia, deixa de escrever a Simão.

Teresa vai adoecendo, e os médicos julgam-na incurável. Ao saber disto, Tadeu de Albuquerque pensa apenas na sua «honra», que quer deixar «imaculada». Quando sabe que Simão havia sido condenado à morte, Teresa lamenta apenas o facto de ainda estar viva. Numa carta que lhe escreve, considera-se sua esposa, diz-se pronta a morrer com ele e pede-lhe que não tenha «saudades da vida».

Em diálogo com o capelão, Teresa ainda tem forças para argumentar a favor da união das «almas esposas» no Céu. Quando o seu estado piora, o pai decide tirá-la do convento, para o que também contribui o facto de Simão ter sido transferido para uma prisão no Porto. Antes de partir, Teresa recebe ainda uma carta do condenado. Nesta, Simão pede-lhe que não morra porque ainda há esperança de uma absolvição ou comutação da sentença e ele amá-la-á em toda a parte, mesmo no degredo. Teresa sente a dor da contradição de estar perto da morte e ter esperança.

Capítulo XIV

Tadeu de Albuquerque chega ao convento com a intenção de levar Teresa para Viseu de modo a afastá-la de Simão. Teresa recusa-se a sair do convento e diz que a morte reparará todos os erros da sua vida. Acrescenta que só sairá do convento como «cadáver» e que a morte será uma glória: «A minha glória neste longo martírio seria uma força levantada ao lado da do assassino.» A prelada informa que não tirará Teresa à força, como deseja o pai, deixando-o dominado por uma «hedionda» raiva.

Tadeu de Albuquerque tenta, então, apelar às autoridades judiciais, sem sucesso. Vários desembargadores parecem «inclinados à clemência» a respeito da situação de Simão. Um deles, que fora amigo de D. Rita Preciosa, fala-lhe mesmo da «grandeza» daquele «homem de dezoito anos» e critica Tadeu de Albuquerque por não ter permitido que a sua filha amasse tal homem, de genealogia tão ilustre.

Capítulo XV

No dia 13 de março de 1805, na cadeia do Porto, Simão tem perto de si as cartas de Teresa, o que escrevera no cárcere de Viseu e o avental de Mariana. Aí escreve as suas reflexões, quando é interrompido por João da Cruz, que lhe diz que Mariana

«voltou ao seu juízo». Simão pede-lhe que entregue uma carta no convento de Monchique, o que vem a acontecer. Simão alegra-se com a certeza de que pode voltar a corresponder-se com Teresa.

Informado de que Mariana regressaria para o ajudar, Simão exprime a culpabilidade de se sentir responsável pelo destino da filha do ferrador, considerando--a um «anjo de caridade». João da Cruz conta-lhe uma história reveladora da «bravura da moça» e, emocionado, revela saber a profunda paixão de Mariana por Simão.

Capítulo XVI

O narrador conta um incidente que lhe ocorre, relacionado com Manuel Botelho, irmão de Simão. Este tinha fugido para Espanha com uma amante, cujo marido era estudante em Coimbra. Quando os recursos de D. Rita, que o sustentava, acabaram, pediu ao filho que viesse para Vila Real. Manuel Botelho veio com a sua «dama».

Ao visitar Simão na cadeia, é recebido com grande frieza. Simão nega esmolas, dizendo que só as receberia de Mariana, que estava ao seu lado.

Nessa tarde, Manuel é visitado pelo desembargador e pelo corregedor do crime. O desembargador informa-o de que Simão será condenado a dez anos de degredo na Índia. Acrescenta que a absolvição é impossível, uma vez que Simão confessa o crime, descrevendo-o como um «doido desgraçado com sentimentos nobilíssimos». Sobre Teresa, informa que recuperara a saúde. O desembargador e o corregedor partem desconfiados, pensando que Manuel tem consigo uma mulher casada com quem fugira (sua concubina) e não a irmã. Na carta que escreve a Domingos Botelho, o corregedor relata o encontro.

Domingos Botelho percebe o que sucedera e acaba por interferir. Manda a amante do filho regressar aos Açores e condena o seu filho por ser um desertor. O narrador tece comentários sobre as expectativas dos leitores, referindo o facto de existir, no *Frei Luís de Sousa*, uma morte por vergonha. Quando obtém o perdão, Manuel Botelho muda de regimento para Lisboa.

Capítulo XVII

João da Cruz está em casa com a sua cunhada, Josefa, e sofre com as saudades de Mariana. Decide, então, ir visitá-la ao Porto. No entanto, aparece um cavaleiro encapotado que o mata devido a um crime antigo. O narrador tece considerações sobre as incoerências da «índole» deste homem (em quem os «instintos sanguinários» coexistiam com a «nobreza da alma»). Josefa escreve a Mariana para lhe dar a notícia.

Mariana sofre, temendo a demência. Simão trata-a como irmã e amiga da sua alma.

Capítulo XVIII

Mariana vai a Viseu recolher a herança paterna. Vende as terras e deixa a casa a sua tia, tomando a decisão de seguir Simão. Este não fica surpreendido, mas teme que Mariana desconheça a dura realidade do degredo. A filha de João da Cruz diz nada temer: «Verá como eu amanho a vida.» Simão diz que há de viver com o peso de se sentir responsável pelo seu destino. Mariana responde-lhe dando a entender que o acompanhará na morte. Simão repete que se sente infeliz por não poder fazer de Mariana sua mulher, mas acaba por aceitar que ela o acompanhe.

Mariana passa a sentir um «secreto júbilo», que preenche o seu coração. Este, sendo de mulher, tem ciúmes de Teresa, ciúmes que eram «infernos surdos». Por vezes, lamenta que Simão sofra por Teresa, mas nunca hesita quando se trata de ajudar na comunicação entre os dois apaixonados.

Domingos Botelho acaba por voltar a interceder pelo filho e consegue que a pena do degredo seja alterada e Simão cumpra a sentença na prisão de Vila Real. Mas Simão recusa, preferindo «a liberdade do degredo». A prisão é, para ele, «mais atroz que a morte». O seu nome aparece, então, no catálogo dos degredados para a Índia.

Capítulo XIX

O narrador tece comentários sobre a relação entre a verdade e a ficção do romance.

Depois de dezanove meses de prisão, Simão sonha com «um raio de sol». Já não tem ânsia de amar. Para ele, os dez anos presos são piores do que o degredo. Teresa tinha-lhe pedido que aceitasse esses dez anos, com a esperança de poderem casar. Se Simão partisse para o degredo, ela perdê-lo-ia. Simão responde dizendo que é preferível a morte: «Caminheemos ao encontro da morte.» A pátria e a família merecem a sua abominação.

Na resposta, Teresa despede-se, sabendo que o seu fim está próximo: «Vejo a aurora da paz.» Simão deixa de falar, perturbando ainda mais Mariana, que permanece ao seu lado.

Em março de 1807, Simão recebe uma intimação para partir na primeira embarcação que levantava âncora do Douro para a Índia. Depois desta notícia, Simão começa a ter acessos de loucura. Teme não ver Teresa e morrer longe dela, considerando-a uma «mártir».

Capítulo XX

Em 17 de março de 1807, Simão embarca no cais da Ribeira para a Índia. Mariana acompanha-o. O dinheiro que sua mãe lhe enviara, Simão distribui-o pelos companheiros de viagem, assumindo a sua dignidade «demente».

Antes de partir, Simão contempla o convento de Monchique. Nele vê um vulto, o de Teresa. Na véspera, despedira-se e ela enviara uma trança dos seus cabelos. Nesse mesmo dia, à noite, Teresa despede-se de todas as freiras com um beijo. Na manhã seguinte, lê todas as cartas de Simão. São elas «hinos à felicidade prevista». Depois, embebe-as com fitas de seda dos raminhos de flores que Simão atirara para o seu quarto. Compara a sua vida às pétalas das flores, quase todas desfeitas, e entrega o maço de cartas à sua criada, Constança. Ora e aceita um caldo «para a viagem». Pede depois à criada que a leve ao mirante, de onde vê Simão.

No momento em que Teresa o vê, Simão recebe as cartas que ela lhe fizera chegar. Quando o navio parte, Simão ainda acena ao ver Teresa. Ela é já «um cadáver que saiu da sepultura», desaparecendo pouco depois. Também Simão é já um morto: «como o cadáver embalsamado». Mais tarde, depois de o navio ficar retido devido ao

mau tempo, Simão recebe a notícia dada pelo comandante: Teresa morrera. O comandante comove-se perante a dor de Simão e a atrocidade do «quadro» e diz-lhe quais foram as últimas palavras de Teresa: «Simão, adeus até à eternidade!»

Simão pede ao comandante para proteger Mariana. Mas tanto ela como ele já «cismam» na morte.

Conclusão

Simão lê a última carta de Teresa, a carta de um espírito, da sua «esposa do Céu»: «É já o meu espírito que te fala, Simão.» É uma carta de despedida profundamente triste, como o destino de ambos. Teresa diz-lhe que não poderia viver e recorda a felicidade com que os dois sonharam nas cartas trocadas, nos últimos três anos.

Depois da leitura, Simão adoece, sofrendo com a febre, as ânsias e o delírio. Pede a Mariana que, se ele morrer no mar, atire ao mar a correspondência e todos os seus papéis.

Em 27 de março, Mariana parece ter envelhecido e Simão continua a delirar, atormentando-se com a recordação dos seus sonhos de felicidade. No seu delírio, refere também a possibilidade de Mariana o acompanhar no Céu: «ser-te-emos irmãos no Céu».

Simão morre e Mariana beija-o pela primeira e última vez. Quando o corpo de Simão é lançado à água, Mariana atira-se e braceja para se abraçar ao cadáver. Os homens que tentam salvar Mariana recolhem a correspondência de Simão e Teresa, que estava «à flor da água».

Na última linha do texto, encontra-se a informação de que Manuel Botelho, irmão de Simão, é o pai do autor do livro.